

Ana Elizabeth denunciou corrupção no ministério

■ Mulher de José Carlos passou a receber ameaças

JORGE VASCONCELLOS

Dias antes de seu misterioso desaparecimento, ocorrido em 19 de novembro do ano passado, a funcionária pública Ana Elizabeth Lofrano dos Santos denunciou um esquema de corrupção dentro do Ministério da Educação, envolvendo três assessores do MEC, o secretário-executivo do ex-ministro José Goldemberg, o Departamento de Orçamento da União e o Conglomerado industrial Hyundai, da Coreia. Auditoria do MEC, concluída em 29 de dezembro do ano passado, revela que Elizabeth, então coordenadora de Planejamento do Ministério, passou a receber ameaças depois de solicitar o cancelamento da importação irregu-

lar de 31 microcomputadores da Coreia para o Brasil no valor de US\$ 70 mil (o equivalente hoje a CR\$ 12 milhões). O resultado da auditoria já foi encaminhado para a Secretaria de Administração Federal.

“Se você tem amor à vida dos seus filhos, fique calada!”, é o teor de um telefonema recebido por Elizabeth em seu gabinete, segundo a auditoria. Ficou comprovado que a ligação foi feita de uma linha interna do Ministério, possivelmente por um funcionário. A auditoria relata também que Elizabeth teve um dos vidros de seu carro quebrado no estacionamento do MEC. No mesmo local, à noite, a coordenadora de Planejamento ficou assustada com a aproximação de um carro com os faróis apagados, sendo socorrida por três amigos que passavam pelo local.

A auditoria inclui depoimentos

Reprodução



Elizabeth sumiu há 11 meses

de vários funcionários que presenciaram o drama de Elizabeth nos dias que antecederam o seu desaparecimento, ocorrido quando ela voltava de um jantar com o ex-diretor do Departamento da União, José Carlos Alves dos Santos, seu marido, apontado pela polícia como o principal suspeito do crime. Numa sindicância aberta pelo ministro Murílio Hingel em 11 de dezembro para apurar a ligação das denúncias de Elizabeth com o seu desaparecimento, o MEC descartou essa hipótese, da mesma forma que a polícia de Brasília.

Ana Elizabeth havia encaminhado as denúncias em outubro do ano passado ao recém-empossado ministro Murílio Hingel, que substituiu José Goldemberg no MEC. A auditoria determinada pelo ministro confirmou as irregularidades na importação dos computadores e citou os nomes dos responsáveis: os assessores

Alésio de Caroli, Décio Leal de Zagottis e Elisa Wolineck e o secretário-executivo Antônio Teixeira júnior. À época das denúncias, os acusados já haviam deixado o ministério junto com Goldemberg e sequer foram advertidos.

Em julho de 1992, Goldemberg foi autorizado pelo Departamento de Orçamento da União a fazer o remanejamento de US\$ 70 mil do Orçamento do MEC para o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). O objetivo era importar 31 microcomputadores fabricados pela Hyundai através de sua representante no Brasil, a empresa CDB, com sede em São Paulo. O remanejamento foi autorizado pelo então diretor do DOU, Paulo Fontenelle, que em março do ano passado substituíra no cargo o economista José Carlos Alves dos Santos.